

**DIVERSIDADE E HISTÓRIA**  
**(Identidade, Diferença e Alteridade numa comunidade afro-descendente baiana)**

Bartolomeu de Jesus Mendes\* - PPG-PUC-SP/UNEB Cp. VI

**Introdução.**

Diversidade é uma categoria que vem se destacando nos debates da atualidade. Aspectos tais como racismo, preconceito, discriminação e intolerância têm sido preocupações relevantes nas reflexões que vêm sendo levantadas no meio acadêmico e fora dele (família, trabalho e mídia). Nas discussões que são travadas, temas como sexualidade, etnicidade, multiculturalismo e alteridade assumem pontos de relevâncias dando a impressão de que vieram para serem confrontados e entendidos. Esses debates<sup>1</sup> têm buscado inspiração nas concepções teóricas de Emanuel Levinas (1988)<sup>2</sup>, Christian Descamps (1991)<sup>3</sup>, Haberman (2002)<sup>4</sup> e Stuart Hall (1998<sup>5</sup> e 2003)<sup>6</sup> que preconizam a importância do “outro” na construção da identidade do “eu”. Nessa inversão da lógica do pensar corriqueiro, Descamps chega a afirmar que “*a relação com o outro é a base de uma co-presença ética*” (p. 85). Para ele cada um é constantemente confrontado como um próximo. Ambos, Lévinas e Descamps colocavam, em comunhão de entendimento, a afirmação de que “*não sou Eu frente ao próximo (outro), mas sim os outros continuamente frente a mim*” (1988: 43).

O mundo, na perspectiva da globalização, se percebe estar caminhando para uma “identidade universal” onde as diferenças culturais estão sentenciadas a desaparecerem cedendo lugar ao monoculturalismo, unindo povos diferenciados nas suas texturas corpóreas e culturais. Contudo, começa a ser percebida a face oculta da dita “Globalização”. A pretendida

---

\*Prof. Assistente da UNEB – Campus VI – Caetiitê/BA. Mestre e Doutorando em História Social pela PUC-SP.

<sup>2</sup> Citamos, aqui, dois eventos importantes nesta linha: o Seminário Internacional Multiculturalismo, Democracia e a Singularidade Cultural Brasileira: perspectivas para o século XXI, promovido pelo Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília (1998). E o Seminário Democracia Racial e a Questão dos Direitos Humanos, pela Universidade de Campinas/SP.

<sup>2</sup> *Ética Infinito*. Lisboa, Edições 70.

<sup>3</sup> *As idéias filosóficas contemporâneas na França*. São Paulo: Jorge Zahar.

<sup>4</sup> *Pensamento pós-metafísico – estudos filosóficos*. Rio de Janeiro.

<sup>5</sup> *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Dp&a .

<sup>6</sup> *Da Diáspora: identidade e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG.

quebra de barreiras culturais, paradoxalmente vem servindo de estopim na explosão de confrontos entre as diferenças que compõem o mundo da Diversidade. Clama-se hoje por **respeito** e **reconhecimento** muito mais do que por **tolerância**. Mais do que a invenção de uma cultura homogênea planetária, busca-se preservar as diferenças individuais, coletivas, locais, regionais e nacionais, despertando sentimentos **alteritários** nos humanos em construção. O respeito ao “outro” desponta como nova perspectiva que mediará as relações sócio-histórica e que implicarão na forma de **ver, agir e pensar** entre as pessoas independentemente das suas formas físicas, dos seus credos religiosos e dos seus valores culturais. A tônica das discussões humanistas estão girando muito mais em torno da definição daquilo que somos que da ostentação do que temos – é o “Ser” caminhando para a superação do “Ter” na encruzilhada das relações sociais.

Acredita-se hoje na construção da **Identidade** a partir das diferenças que definem a diversidade social. A visão que se busca é que cada indivíduo se completa e se efetiva no convívio com os diferentes que se encontram à sua volta. É na relação entre o “eu” e o “outro” que se constrói a **identidade** a partir de processos de singularizações que vão distinguindo os indivíduos, dando-lhes consciência de si mesmo para assumirem suas subjetividades dentro da rede de inter-subjetividades – conforme afirma Habermas (2002). Enquanto a Identidade diz respeito ao reconhecimento do “eu”, a singularidade articula todos os elementos que constituem a identidade do indivíduo, isto é, a maneira como nos sentimos, os nossos desejos, as nossas posições em determinados contextos.

## 2 – Localizando o espaço

Marco inicial no processo de expansão norte do perímetro urbano de Salvador, o Bairro da Liberdade teve seus espaços ocupados, efetivamente, através da “Invasão da Mata do Corta-Braço”<sup>7</sup> (1946), atraindo para lá, parcela significativa do segmento pobre da população baiana composto por afros-descendentes que iam sendo expulsos de suas moradas coletivas

---

<sup>7</sup> Primeira área do bairro que foi invadida para construção de moradias por trabalhadores de baixa renda.

localizadas nas freguesias centrais da cidade e de outras cidades do interior da Bahia, dando ao bairro uma configuração de área territorial com fortes traços das culturas africanas, abrigando, aproximadamente, 600.000 moradores, na sua maioria negros. Grande parte desses sujeitos sociais levaram consigo suas práticas religiosas, instalando por quase toda a comunidade seus Templos Cristãos: católicos e protestantes, Terreiros de Candomblé e Centro de Caboclos. Com a chegada do “Bonde Elétrico” que passou a ligar esse bairro periférico ao centro da cidade, com ramal de número oito (8) e, devido às freqüentes confusões que ocorriam no interior dessa condução coletiva, o local passou também a ser denominado, pejorativamente, de “Comunidade da ‘Linha 8’”, ganhando o estigma, de “violento”, difundindo-se, assim, por toda a cidade. A partir daí, os moradores passaram a receber a pecha de “negros da Linha oito”.

O indivíduo ou uma coletividade que se encontre em condições estigmatizadas, segundo Erving Goffman (1988)<sup>8</sup>, pode até se alinhar a uma tendência de desânimo ou depreciação que chegue a afetar a sua auto-estima empurrando-a para baixo. Seus sentimentos sobre o que ele realmente é se enfraquecem de tal forma que pode levá-lo a acreditar na atribuída “incapacidade”. Em casos específicos, cujas identidades são discriminadas, marginalizadas ou oprimidas por setores dominantes da sociedade, os estigmas têm funcionado como obstáculos cruciais nos seus constantes confrontos nas lutas pela afirmação de suas políticas de identidades. Um bom exemplo dessa realidade são os chamados grupos negros nas suas lides de construção identitária, buscando superar as dificuldades colocadas pelas teorias racistas e preconceituosas que tanto têm atrapalhado a formação de uma consciência negra, tanto a nível individual quanto coletivamente falando. Os Terreiros de Candomblé do Bairro da Liberdade desde cedo começaram a sofrer perseguições e invasões por parte de autoridade policiais, perdendo seus direitos de expressão pública, se restringindo aos interiores dos seus barracões.

---

<sup>8</sup> Estigma – Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro.

Foi nos espaços físico-religiosos do candomblé que foram criados os Blocos afros e Afoxés como novas propostas de lazer, incluindo nas suas atividades lúdicas a preocupação, também, da produção político-cultural como forma de compartilhar os espaços públicos e de dar prosseguimento às lutas de resistência produzidas dentro dos Terreiros e dos Centros – o Ilê Aiyê é uma das referências deste contexto.

Pretende-se também aqui, a partir dos conceitos já mencionados inicialmente, refletir sobre o desenrolar do processo que originou as questões etno-raciais no bairro, para um melhor entendimento das lutas que vêm sendo travadas, cotidianamente, pelos seus afro-descendentes negros nos seus Blocos afros e Afoxés, na desconstrução / reconstrução de suas identidades rumo à afirmação social. Maria Odila Leite da Silva Dias (1984)<sup>9</sup>, afirma que o estudo do cotidiano contribui para historicizar estereótipos e desmistifica-los, pois através do esmiuçar das mediações sociais, pode-se trabalhar a inserção de sujeitos históricos concretos, homens ou mulheres, no contexto mais amplo das sociedades em que vivem.

### 3 – Blocos afros e Afoxés do bairro

Embalada pela concepção de resgate das raízes culturais africanas a afro-descendência de Salvador, aqui em particular do Bairro da Liberdade, na primeira metade da década de 1970, vai encampar concretamente a luta pelo espaço público nos circuitos carnavalescos da cidade. Os Blocos afros e os Afoxés do bairro vão inserir nos seus discursos as reivindicações já preconizadas nos movimentos negros, a exemplo do Ilê Aiyê, quando revela a sua expectativa em relação aos jovens que integram a sua comunidade: “...O objetivo da experiência é que eles se aceitem como negros e vivam as dimensões dessa negritude consciente e prazerosamente, preparando-se para integrar-se com competência no mundo que os espera<sup>10</sup>”, buscando esse resgate inspirado diretamente no continente africano. Enquanto que o

---

<sup>9</sup> *Cotidiano e poder em São Paulo no século XIX. São Paulo, Ed. Brasiliense.*

<sup>10</sup> Siqueira, M. L. Ilê Aiyê: uma dinâmica de educação na perspectiva cultural afro-brasileira. In: Estratégias e políticas de combate à discriminação racial. Kabengele Munanga. São Paulo, 1996, p. 157 – 165.

Muzenza<sup>11</sup>, seguindo a trilha ao encontro das raízes africana, o faz pelo viés diaspórico da afrodescendência caribenha, privilegiando a Jamaica como seu ponto de encontro, inspirando-se nas obras artísticas de Bob Marley: “... o negro segura a cabeça com a mão e chora e chora sentindo a falta do Rei<sup>12</sup>...”.

Em 1974, no Curuzu / Liberdade foi criado, a partir do Terreiro de Candomblé Ilê Axé Gitolu, a Associação Cultural Bloco Carnavalesco Ilê Aiyê, ganhando as ruas de Salvador, pela primeira vez, em 1975. A partir daí, os grupos vão se multiplicando dentro do próprio bairro, algumas vezes até por divisões internas: o Muzenza e o Massamalu, em 1981; Tô Aqui África, em 1989; Oriobá, em 1991 – todos esses na categoria de Bloco afro. Como Afoxés, surgiram Netos de Gandhi, em 1975 e o Olorum Babá Mi, em 1979. Além de outros núcleos de conscientização e de defesa do segmento negro, como o Movimento Negro Unificado – MNU – que, em 1978, teve o seu núcleo de discussão instalado no próprio bairro.

O surgimento de Blocos afros e de Afoxés na Liberdade, trouxe uma nova conotação de mudança de rumo estratégico na luta pela elevação da auto-estima e pela afirmação social do negro em Salvador, estimulando outros bairros a criarem novas agremiações representativas, acelerando o ritmo de proliferação desse tipo de grupo por toda a cidade.

Por outro lado, no auge dos acontecimentos ocorridos no bairro no último quartel do século XX, encontra-se sinais indicativos de que as influências trazidas pelos movimentos negros, a nível externo, tenham concorrido expressivamente para que as lideranças afrodescendentes contemporâneas, mais informadas desses movimentos, desenvolvessem interpretações conscientes dessas ações e partissem para uma luta mais direta no enfrentamento das questões etno-raciais, dentro da comunidade. Aristóteles Hermelino Guerra Filho, 43 anos de idade, nascido e criado no bairro, conhecido artisticamente por “Tulany”, em seu depoimento deixa claro essa influência:

---

<sup>11</sup> MUZENZA, quer dizer “dança das Yaôs nagôs”. Nome dado a um dos blocos afros do bairro da Liberdade, criado em 1979, a partir de desentendimento entre as lideranças do Bloco Ilê Aiyê.

<sup>12</sup> Refrão da letra: *Brilho e beleza*, 66139015. Nego tenga (ED. Emi Songa).

*“No início da década de 1970, com o movimento ‘Black Power’, então nós já ficávamos ali na porta da Loja Ipê, na Liberdade, todo mundo com o disco debaixo do braço, nós éramos dançarinos e começávamos a ir para as festas dos shows, todo mundo arrumado e isso já tinha a influência de estudar sobre os movimentos norte-americano, do povo negro norte-americano, e aí, o pessoal começou a ter uma visão maior de conscientização, abrindo a cabeça”<sup>13</sup>.*

Esse movimento Black aludido acima, na concepção Stuart Hall (1998), teve sua origem nos anos 1970 que trouxe para o contexto britânico um novo foco de identificação, assim como para as comunidades afro-caribenhas e asiáticas. Chegou ao Brasil nessa mesma refrega dos anos 1970, via Jamaica, principalmente.

Agitadas pelos alertas externos, as novas lideranças negras do bairro da Liberdade organizaram-se, inicialmente, em torno daquilo que Laclau e Mouffe (citado por Hall: 1998) chamaram de *“eixo comum de equivalência” da identidade* – a superação da exclusão -, partindo para o confronto mais direto e, posteriormente mudaram a estratégia da resistência dando sentidos mais diversificados aos processos de des-construção e de re-construção identitária, a partir das posturas discursivas encampadas pelos Blocos afros e Afoxês criados no auge dessas mudanças.

As intervenções carnavalescas dos Blocos afros e dos Afoxês da Liberdade, rompendo as barreiras do isolamento periférico a que estavam submetidos, refletem posicionamento político frente à tradicional divisão e apropriação do espaço público soteropolitano que privilegiava as elites no uso desse espaço. As atividades lúdicas, desenvolvidas como estratégias de conscientização das condições etno-raciais, parecem ter fornecido, aos afro-descendentes do bairro, elementos complementares eficientes nas suas lutas de resistência, fortalecendo-lhes, vigorosamente, no processo criativo da produção cultural. Para muitos, privilegiar o lazer como momento de entretenimento e de produções política e cultural parece estar na contramão da lógica tradicional do nosso sistema, sobretudo, quando se trás para a

---

<sup>13</sup> Entrevista, 1987.

reflexão agremiações afro-brasileiras cujos integrantes, na sua maioria, são trabalhadores assalariados mal remunerados e sem acesso a bons níveis de escolaridade. Contudo, no caso particular do bairro da Liberdade, o que à primeira vista pode parecer ambiente inadequado a qualquer tipo de exercício político, pôde funcionar como espaço propício de aglutinação de sujeitos sociais que, apesar da diversidade dos seus universos simbólicos, comungam da parcela de um cotidiano marcado pelas relações de poder que marginaliza a própria comunidade, como diz José Guilherme Cantor Magnani (1998)<sup>14</sup>, referindo-se ao momento de lazer: “... é lá que o trabalhador pode falar e ouvir sua própria língua”. Dentro desse ambiente festivo os afros-descendentes do bairro, construíram-se terreno propício para quebrar as fronteiras que lhes foram colocadas nos circuitos carnavalescos da cidade, adentrando-os e se impondo na relação de igualdade. Pois, como diz Beatriz Sarlo: “...a arte, por sua própria forma, subverte as leis do autoritarismo<sup>15</sup>...” . Nessas convivências comunitárias, nos grupos de referências, os indivíduos vão formulando e re-formulando suas posições a partir dos valores e dos padrões de comportamentos referenciados objetivamente nos discursos e nas práticas desses grupos, ao mesmo tempo em que, nas articulações com esses padrões coletivos e suas subjetividades individuais, desenvolvem, também, sentimentos e emoções experienciados em campos sociais diferentes, singularizando assim, suas identidades, pois, como diz Stuart Hall, “A vida individual significativa está sempre incrustada em contextos culturais e é somente dentro destes que suas ‘escolhas livres’ fazem sentido<sup>16</sup>”. Daí, as experiências individuais e as orientações dos grupos de referência poderem resultar em cada pessoa especificidades identitárias, isto porque, não é o grupo de referência que determina os comportamentos humanos individuais.

Mesmo entendendo que as identidades se concretizam nas relações sociais como resultados da articulação entre **igualdades e diferenças**, penso que a identidade coletiva se

---

<sup>14</sup> *Festa no pedaço. Cultura popular e lazer na cidade*. In: Metodologia das ciências Humanas. São Paulo: Hucitec / UNESP.

<sup>15</sup> SARLO, 1997, p 58.

<sup>16</sup> Hall, 2003, p. 80.

caracteriza por aspectos que unem e relacionam os indivíduos no interior do grupo social mas não os igualam totalmente. Portanto, esses Blocos afros e Afoxés que integram os universos **lúdico, cultural e político** do bairro, com seus traços que os distinguem e estruturam suas ações de resistências, desenvolvem suas inter-relações a partir dos seus diferentes discursos e de suas diferentes práticas que, interagindo-se também com as diversidades sócio-culturais dos seus sujeitos integrantes, vão orientar o processo coletivo de construção e de re-construção das identidades na própria comunidade porque, sem **Diferença e Alteridade** o diálogo se torna difícil se não impossível, como diz Alessandro Portelli (1996): “*A subjetividade, o trabalho através do qual as pessoas constroem e atribuem o significado à própria experiência e à própria identidade, constitui por si mesmo o argumento, o fim mesmo do discurso*”<sup>17</sup>. Desta forma, as construções identitárias resultantes desses envolvimento lúdicos e culturais parece estar se desenvolvendo no campo da diversidade onde as relações se processam, dialeticamente, numa tendência à respeitabilidade.

---

<sup>17</sup> “A Filosofia e os fatos”. *Narração, interpretação e Significado nas memórias e nas fontes orais*. São Paulo. EDUSP.